história e-história

ISSN 1807-1783 atualizado em 07 de outubro de 2014

ARQUEOLOGIA

A ARQUEOLOGIA SOB A ÓTICA DE UM ATEU CRISTÃO

por Celito Kestering

Sobre o Autor[1]

1 INTRODUÇÃO

Era março de 1965. Iniciava-se mais um ano letivo no Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Tubarão – SC, com 125 neófitos vocacionados ao sacerdócio. Segundo o bispo D. Anselmo Pietrulla, de saudosa memória, era aquele um fato inédito no Estado de Santa Catarina, no Brasil e quiçá, no mundo. Como sustentar tantos jovens, perguntou no sermão que proferiu na capela do seminário. A Divina Providência resolverá, respondeu ele mesmo, de pronto, com seu tradicional senso de humor.

Alguns neófitos haviam feito o Curso de Admissão ao Ginásio no Educandário São Joaquim, em São Ludgero, sob as barbas do então vigário Pe. José Pereira Kunz. Eu era um deles. Ouvira, no rádio, a notícia da morte de John FITZGERALD Kennedy, da implantação do Regime Militar e da morte de João XXIII. Cada notícia havia sido interpretada por Pe. Afonso Schlickmann, de saudosa memória, então nosso Reitor. Ele fez-me acreditar que John Kenedy, por ter sido o primeiro presidente católico dos Estados Unidos da América, seria canonizado. Fez-me crer que o regime militar, por ter impedido a invasão comunista, tiraria o Brasil do subdesenvolvimento e integrá-lo-ia no grupo dos países ricos. Fez-me pensar que João XXIII, por ter proposto abrir as portas e as janelas do Vaticano para que a ciência e as aspirações sociais tirassem o mofo nele acumulado pelo distanciamento dos ideais cristãos, seria, indubitavelmente, o papa do século. Ouvira, durante um dia e uma noite, o repicar de um dos sinos que ecoou pelas montanhas de São Ludgero e encontrou abrigo na minha memória, como diapasão que me ajuda a descartar arranjos dissonantes e comportamentos inadequados para a harmonia dos humanos. Lamentei, profundamente, a morte daquele papa.

No Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Tubarão, com a ajuda de meus superiores e de meus companheiros, edifiquei a estrutura mental e emocional que preservo, apesar das constantes mudanças no horizonte conceitual de Deus com que me deparei, em diferentes contextos sociais, culturais, ambientais, religiosos, filosóficos e científicos.

Aproveito que estamos reunidos para fazer o relato de minha história de vida, em conexão com a trajetória dos outros 124 vocacionados e iniciados no renque clerical, no ano de 1965. Cuido para ser o mais fiel possível aos princípios da coerência e coesão textual, recomendados pelo padre Antônio Vieira e repassados por seu xará, o padre Antônio Jerônimo Herdt, nas muitas aulas de Português que nos ministrou.

> *Há de tomar o pregador uma só matéria; há de defini-la para que se conheça; há que dividi-la para que se distinga; há de prová-la com a Escritura; há de declará-la com a razão; há de confirmá-la com o exemplo; há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades; há de impugnar e refutar com toda a força da eloqüência os argumentos contrários; e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar; e o que não é isto, é falar de mais alto.*
>
> *Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela. (Vieira, 1655).*

Tenho o cuidado para ser o mais objetivo possível no relato de fatos, a fim de não contrariar princípios éticos e de etiqueta dos romanos e dos italianos de antigamente, como dizia o padre. Antônio Damiani, meu guru e mestre*Davus*, nos encontros de orientação espiritual e nas aulas de latim. Lembro-me que uma recomendação básica sua era: *quidquid cogitas ubique loquere non potes* que se traduz como **não é em todo lugar que se pode falar tudo o que se pensa**.

Eu era relativamente bom na tradução de textos do latim para o português. Lembro-me que consegui superar-me na tradução da frase *Bos maior bos minor arare docet* como **o boi maior ensina o boi menor a rezar**. Por ter sido um bom estudante, espero obter o *nihil obstat* do mestre *Davus*. Aproveito o momento e o espaço para, como germânico apegado às tradições do*Northreinwestfalen*, realizar *ein gut gessissen aber danebem* que se traduz como**uma boa evacuação (de ideias, é claro) é o melhor que se faz na vida, mesmo que em lugar impróprio**. Os italianos referendam minha decisão quando dizem: *migliore parlare que far niente perque la vita va que la brusa* que se traduz como **é melhor falar que fazer nada porque a vida passa tão rapidamente como um fogo**.

Sócrates concedeu-me esse direito quando propôs, sem especificar lugares próprios e impróprios, que, como educadores, sejamos parturientes de ideias. Paulo apóstolo (não lembro em que capítulo ou versículo), diz cometer pecado o homem que age e fala diferentemente do que pensa. Sinto-me, também, credenciado pelo materialismo histórico que adotei para não precisar anestesiar-me ideológica e fisicamente nas circunstâncias ingratas da vida. Seu princípio básico é a sintonia permanente entre a razão, a emoção e a ação. Afinadas estas três dimensões da vida humana, não haverá lugares próprios e impróprios.

Como argumento maior, lembro que estou com meus companheiros (*cum panis*) que se alimentaram do pão ideológico que Roma amassou e ofereceu, em diferentes momentos da história. Na versão do Pe. Schlickmann, de saudosa memória, João XXIII concedeu-me o direito de falar. Ele abriu as portas da Igreja para Roma (*urbis*), para o mundo (*orbis*) e para a ciência (*scientiae*). Estamos no templo que tem, para mim, uma função mnemônica (marcador de memória). Nem a morte conseguirá conter e enclausurar esse sonho partilhado entre João XXIII, Afonso Schlickmann e eu. Onde e quando dois ou mais reunirem-se para compartilhá-lo ressuscita-se o mestre para operar milagres.**Quero mostrar como as mudanças no horizonte conceitual de Deus afetaram a vida dos neófitos de 1965.**

Tenho o cuidado para obter resultado satisfatório no processo de avaliação. Dar-me-ei por satisfeito se ninguém precisar lembrar-me com o famoso dizer dos romanos: *si tacuisses philosophus sed parlavisti asinus est* que se traduz como **se tivesses ficado calado todo mundo pensaria que você é um sábio, mas decidiu falar, todo mundo descobriu que é um jumento**.

2 DEUS DE TRENTO

O Concílio de Trento redefiniu o horizonte conceitual do mito judaico cristão quando a contra-reforma propunha-se sustar o avanço das teses de Martin Lutero que, abençoado e sustentado pelo poder econômico feudal germânico, grassava no Velho Mundo. A Igreja Católica Apostólica Romana, baseada muito mais na filosofia grega que na mensagem bíblica, adotou o conceito idealista de um Deus Espírito. Definiu-o como um **espírito perfeitíssimo criador do céu e da terra**. Como os mitos de todas as religiões, o Deus de Trento era eterno. Os humanos, ao desabrocharem para a vida, herdavam uma centelha dele, a alma, que deveria retornar a ele, quando findassem suas existências terrenas.

Para retornarem ao seio de Deus, os humanos teriam que acreditar nas verdades pontificadas como dogmas, pelo papa, santo e infalível representante de Deus no Planeta Terra. Para salvarem sua alma, os humanos deveriam cumprir normas claras, materializadas nos sacramentos que se traduziam como sinais sensíveis da presença de Deus. Quem pretendesse salvar-se teria que cumprir os dez mandamentos da Lei de Deus, os sete sacramentos, os cinco mandamentos da Lei da Igreja e os cinco preceitos para uma boa confissão, quando cometesse qualquer deslize que o deixasse impuro. Quem não o fizesse era expurgado do convívio religioso como um herege (*anatema sit)* ou condenado ao fogo eterno do inferno caso não se arrependesse e não se confessasse pecador.

A organização social da Igreja de Trento fundamentava-se no modelo imperialista romano. O papa gozava do prestígio de um imperador. Tinha obreiros que, mais pela confiança que pela competência, agiam mais ou menos próximos dele ou das almas fiéis. A confiança eternizava-se no ritual de iniciação do sacramento da ordem. Construíram-se, no mundo todo, seminários menores e maiores que tinham como objetivo preparar meninos, jovens e adultos, imprimindo neles o caráter indelével eterno de sacerdotes, obreiros da Igreja.

Todos nós, os 125 neófitos alistamo-nos no exército da salvação regido, ainda, pelos dogmas tridentinos, quando a Igreja não ouvia o povo. As palavras de ordem eram: *Magister dixit* que se traduzia como **o mestre falou está falado** e *Roma locuta causa finita* que se traduzia como **quando o papa fala, não há mais espaço para discussão**. Tinha-se que executar ou ser considerado um herege. Os padres celebravam as missas, em latim, de costas para os fiéis.

Éramos crias do Concílio de Trento. Não participávamos das missas. Nós as assistíamos, passivamente. Se os atributos da identidade popular católica apostólica romana eram claros, os dos neófitos ao pedestal do sacerdócio, mais claros ainda, porém transitórios. Estes passavam pelo ritual de iniciação que culminaria com o sacramento da ordem, quando se diferenciariam, em definitivo, do católico comum, adquirindo atributos eternos.

Nós todos vivemos esta fase, uns por mais, outros por menos tempo, até que um momento de crise justificasse o desgarrar de alguém do rebanho seleto, nas famosas chamadas para aconselhamento ou expulsão. Vários resistiram. Ainda não sei se heróis eram os que saíam ou os que ficavam. Na conclusão do Curso Ginasial, em 1968, restavam, ainda, 33.

3 DEUS DO VATICANO II

No Concílio Vaticano II, construiu-se, para adoção em todas as dioceses e paróquias do mundo, um novo horizonte conceitual de Deus. Enalteciam-se os atributos do Deus de João XXIII. Relevava-se esse novo Deus na imagem de pai bondoso. Dizia-se que Deus reconhecia como filhos os humanos batizados, guiava seus passos e tudo o que fizessem na vida. Ele não queria a morte dos pecadores. Queria, sim, que estes se convertessem para viver em plenitude neste mundo e no outro.

No seminário Nossa Senhora de Fátima, as missas e as orações passaram a ser em português. Nas igrejas, o padre celebrava as missas em posição de diálogo, de frente para o

povo. Os fiéis participavam ativamente, dos rituais, cantando e rezando. As músicas não precisavam mais ser acompanhadas com instrumentos de teclado, como órgãos de tubo ou harmônios. Os cânticos podiam ser acompanhados com violão e outros instrumentos musicais de corda e de percussão, considerados profanos até então. O padre Zezinho começou a fazer o maior sucesso. Ele próprio, atendendo a um convite do padre Antônio Jerônimo Herdt, esteve em nosso seminário, pregando um bom e proveitoso retiro espiritual.

Aos domingos, acompanhávamos os padres para fazer comentários, leituras, ensaiar cantos nas visitas pastorais que eles faziam para dar assistência espiritual em várias paróquias da Diocese de Tubarão. De quando em vez participávamos até de eventos dançantes que as paróquias promoviam para angariar fundos, nas suas festas de padroeiro.

Vários viveram esta fase. Alguns desistiram porque o celibato tolhia-lhes o direito de viver a vida plena que Deus propunha. Era contraditório ter que sublimar ou reprimir a libido ou o apetite sexual inerente à estrutura física humana, dotada de hormônios que convidavam para a reprodução genética da espécie. Questionava-se: se Deus quer uma vida plena e feliz, por que Roma, por interesses puramente econômicos, proibia o desfrute do prazer sexual para os candidatos ao sacerdócio? Em 1971, alguns resistiam. Éramos 19, apenas.

4 DEUS DE MEDELLIN

Os bispos reunidos no Congresso de Medellin, na Colômbia, enfatizaram os atributos do conceito do Deus de Paulo XVI. Era um Deus comprometido com as massas marginalizadas da sociedade. A Igreja Católica Apostólica Romana pós-conciliar, interpretando o sonho de João XXIII, fomentava a inserção da Igreja nos movimentos sociais. Radicalizava as metáforas evangélicas da luz e do sal. Os cristãos comprometidos com Jesus Cristo tinham que ser sal da terra e luz do mundo. A Igreja da América Latina propunha que houvesse maior preocupação com os problemas sociais que com a conversão dos gentios.

No Curso de Filosofia da antiga Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina – FESS, hoje Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), nós começamos a ver que havia contradição entre os ideais que o regime militar propalava desde 1964 e a prática política repressora do início da década de 1970. Devemos aos professores a nova visão de mundo porque, à luz dos princípios filosóficos, abriram parcialmente nossos olhos para a realidade da vida.

No final do Curso de Filosofia, a indignação contra o regime militar adquirira dimensões que transcendiam os horizontes do Seminário Nossa Senhora de Fátima e da Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina. Nossos cabelos, muitos até então, e as barbas ainda parcas, exprimiam o espírito de contestação e o anseio de mudanças na hierarquia de valores que os militares impunham. Nossos professores incentivavam-nos a adotarmos o espírito crítico. Um deles incitava-nos para que deixássemos crescer as barbas e os cabelos. Sugeriu que, em suas aulas, fumássemos cachimbo ou charuto. Discutíamos as idéias existencialistas de Jean-Paul Sartre, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Soren Kierkegaard, Edmund Husserl, Arthur Schopenhauer, Fiedrich Nietzsche e até de Raul Seixas, com os pulmões cheios de nicotina. Não havia a consciência que se tem hoje sobre os prejuízos que a nicotina e o alcatrão provocam à saúde dos tabagistas. Éramos, ainda, 15 seminaristas.

Seguindo o apelo da Igreja de Medellín, inseri-me no projeto de organização popular de Rodelas – BA, na Diocese de Paulo Afonso - BA. Pretendia evitar que acontecesse com os trabalhadores daquele município o trauma da relocação que acontecera na região de Sobradinho. Lá, 72 mil pessoas haviam sido relocadas das terras húmicas da margem do Rio São Francisco para os estéreis terraços fluviais arcaicos da borda do então maior lago artificial do mundo em espelho de água. No sertão semiárido, havia-se acumulado 34,1 bilhões de m³ de água doce para formar o Lago de Sobradinho que geraria energia elétrica e desenvolvimento na região Nordeste do Brasil.

Disponibilizei às comunidades o meu conhecimento, para ajudá-las a superarem seus problemas. Vi que, na prática, o mundo e as ideias liberais e capitalistas de John Kennedy promoviam fome e miséria, na região Nordeste do Brasil. O padre Afonso Schlickmann estava errado na sua interpretação de que o presidente assassinado dos Estados Unidos da América seria canonizado. Os ideais do Fitzgerald nada tinham a ver com o sonho de João XXIII e de Jesus Cristo.

Entendi que era necessário ler a bíblia sob uma ótica diferente da que aprendera no Seminário Nossa Senhora de Fátima para compreender a estrutura injusta da sociedade e ajudar a desmantelar seus muros. Comecei a lê-la com as lentes vermelhas do Materialismo Histórico Marxista. Foi aí que compreendi a proposta de Gramsci e a necessidade de tornar-me um intelectual orgânico, conscientizando e fomentando a participação dos trabalhadores nos movimentos sociais.

Embriaguei-me com as ideias de Marx e de Jesus Cristo. Fiz-me revolucionário. Sonhava com o Reino de Deus, aqui e agora. Esvaiu-se, aos poucos, em mim, a crença anestésica da vida eterna *pós-mortis* como se esgota uma fonte exposta aos raios solares no sertão seco do Nordeste brasileiro. A morte e a ressurreição de Cristo deveriam acontecer no contexto das comunidades que, à luz da bíblia, se insurgissem contra o capitalismo, plantando, nas fendas desse sistema nefasto, a semente de sociedade justa e fraterna que Deus queria para toda a humanidade.

Nas comunidades eclesiais de base da região Nordeste, eu bebi, com sofreguidão, a proposta de Medellin, o ideal da Igreja comprometida com os setores marginalizados da sociedade. Meu Deus era o mesmo de D. Helder Câmara, D. Pedro Casaldáliga, D. José Rodrigues e de outros bispos empenhados na promoção das mudanças sociais.

Vivenciei o horizonte conceitual de Deus como justiça. Meu Deus fomentava a construção de um reino fraterno e igualitário, situado no tempo e no espaço. Revoltava-me porque o sangue de Cristo derramava-se nos assassinatos promovidos pelo modelo de sociedade capitalista de John Kennedy e pela ditadura militar alinhada muito mais com interesses econômicos externos do que com o bem estar da sociedade brasileira.

5 DEUS PLURAL

Nos anos mais recentes, constatei grande proliferação de igrejas protestantes na América do Sul e, principalmente, na Região Nordeste do Brasil. Como materialista histórico, convertido pela Teologia da Libertação, não consigo comungar com a pluralidade das igrejas protestantes porque se sustenta na crença de um Deus único, imperialista e mercantilista. Plurais são apenas as interpretações dos escritos bíblicos. Na pluralidade das compreensões, cada fiel, com as estruturas pessoais subjetivas, constrói imagens mentais que se tornam objetos de sua adoração. Nas igrejas protestantes não se presta culto ao Deus real que, se existisse, seria inatingível, mas, à imagem que dele se faz, a partir da livre interpretação subjetiva da bíblia. Entre ele, o crente, e a mensagem que lê, estão as suas estruturas mentais, físicas, hormonais, sociais e, principalmente, a ideologia capitalista liberal de Kennedy. Na adoração de imagens pessoais incita-se a percepção de identidades individuais, ávidas pelo consumo de bens capitalistas.

Aprendi a ver, com simpatia, as divindades do Candomblé, genuína religião dos escravos africanos. No Candomblé, Deus não é único e verdadeiro. Ele manifesta-se nos orixás, espíritos do bem e do mal. Nos seus rituais, entendi que os humanos, para sobreviverem, precisam ser egoístas e altruístas, maus e bons a um só e mesmo tempo.

Aprendi a ver, com mais simpatia ainda, as divindades do Toré, genuína religião dos índios. Vez em quando, índios da Tribo Truká realizam seus rituais de Toré, junto à Serra do Olho D'Água, no Município de Sobradinho, onde se localiza a aldeia deles. (Fig. 1).



Figura 1 – Índios Truká, dançando o Toré
Foto: Acervo pessoal do autor

Na região de Sobradinho, principalmente no Município de Sento Sé, conheci muitas feições de relevo como boqueirões, grotas e serrotes com pinturas rupestres em profusão. Várias dessas feições têm suas terras cultivadas por famílias de pequenos agricultores e criadores que dizem descender de uma bisavó índia, pega a dente de cachorro. Essas terras são conhecidas como brejos. Nos brejos existem olhos d'água que mantêm permanente um trecho do riacho em cujas margens cultivam-se, como nos tempos antigos, culturas agrícolas permanentes e temporárias de subsistência.

Em uma das feições de relevo, conhecida como Boqueirão do Riacho São Gonçalo, eu fiz minha dissertação de mestrado em Pré-história e tese de doutorado em Arqueologia. Mantive, para tal, durante anos, muitos contatos com esses moradores, para conhecê-los, com o intuito de identificar padrões comportamentais e gestuais dos seus ancestrais índios que se conservam nos seus rituais.

> *Para eles, o boqueirão é um lugar sagrado onde dizem morar os espíritos dos seus ancestrais índios. Para chamar pelos espíritos dos ancestrais, grupos de pessoas do Povoado de São Gonçalo da Serra e de povoados vizinhos reúnem-se periodicamente, nas proximidades da entrada norte do Boqueirão. Ali realizam a dança do Toré, cantando hinos do catolicismo tridentino. Dizem que, em tempos remotos da história, a dança do Toré era realizada dentro do boqueirão (...), onde a vegetação é escassa e o sedimento, composto de areia fina (KESTERING, 2001, p. 49).*

Em várias lutas contra injustiças, consegui congregar brancos, negros e índios, de religiões e crenças diferentes, para o enfrentamento conjunto de problemas. Nesses encontros rompia-se o sectarismo etnocêntrico de cada uma delas para uma união efetiva que encorajava trabalhadores diversos na luta pela conquista de direitos comuns.

Poucos vivem essa experiência do deus plural. Eu vivi. Dancei Candomblé, em terreiros de Umbanda e de Quimbanda. Em rituais de Toré, ajudei a invocar os espíritos dos ancestrais encantados dos índios. Assim, aprendi a relativizar o mito judaico cristão que eu acreditava ser absoluto e a respeitar as divindades dos outros grupos. O Deus de Trento passou a ter o mesmo valor dos deuses que até então eu considerava pagãos e de categoria inferior. **No gesto da partilha**, que a relativização do meu Deus absoluto propiciava, eu sentia a presença do Cristo ressuscitado que João XXIII pretendia para a sua e nossa Igreja pós-conciliar.

Descobri também que havia diferentes concepções de Deus entre os filósofos. O que mais me chamou a atenção foi o de Baruck Spinoza, racionalista criticista do século XVII, cujo horizonte conceitual de Deus agradava Albert Einstein.

6 BUSCA DE IDENTIDADES

Atualmente, ensino no Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco, no *Campus* Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato – PI. Faço, também, pesquisas arqueológicas na fronteira norte da Chapada Diamantina. Para que os conhecimentos que produzo tenham caráter científico, abandonei os preceitos epistemológicos e metodológicos da Arqueologia puramente descritiva e técnica, originária do termo *archaios* que se traduz como **velho ou antigo**. Quando fazia pesquisas fundamentadas neste perfil de Arqueologia, ainda mantinha afeição pela busca das origens judaicas e cristãs. O máximo que consegui foi descobrir a origem e a evolução do mito monoteísta criado por Akenaton e aperfeiçoado por Moisés, para servirem de suporte ideológico no controle político dos seus súditos. Descobri que todos os horizontes conceituais de deuses únicos e verdadeiros tiveram sua origem em sociedades cujos governantes pretendiam ter o controle político de multidões para concretizar sonhos imperialistas pessoais. Um exemplo disso foi a divindade de Aton, criada por Akenaton e aperfeiçoada por Moisés, adequando-a à crença dos patriarcas do judaísmo.

Hoje prefiro trabalhar com a Arqueologia fundamentada no termo*arké* que se traduz como **essência**. Quero contribuir no fortalecimento da autoestima sertaneja para a construção de uma identidade brasileira alicerçada na pluralidade étnica que a compõe. Nas minhas pesquisas busco o reconhecimento da *arké*, da essência ou a identidade de grupos secularmente marginalizados quais sejam os índios e os negros.

> *Identidade é o arquétipo a partir do qual os indivíduos e os grupos sociais constroem a idéia de quem são e estabelecem o padrão de relação com outros membros da própria espécie e com o ambiente, para garantir a sobrevivência e o sucesso reprodutivo. Muitas espécies animais possuem atributos físicos que lhes bastam para a sobrevivência. Outras, entre as quais os humanos, por serem despossuídas de aptidões físicas vantajosas em relação às outras espécies e aos fenômenos ambientais, precisam desenvolver técnicas e comportamentos padronizados para suprir suas limitações. Comportamentos padronizados caracterizam-se como rituais. (KESTERING, 2007, p. 20).*

A essência dos grupos pré-históricos materializa-se nos gestos e nos padrões comportamentais que se conservam nas pinturas rupestres, nos fragmentos cerâmicos, nos artefatos líticos e nos enxovais de enterramento. Os mitos são efêmeros. Enquadram-se nos atributos diferenciadores de etnias situadas em espaços diferentes, em curtos lapsos de tempo. Os ritos, por sua vez, constituem a essência dos grupos. Eles permitem relacionar etnias diversificadas a um ancestral comum. É assim que, por serem relacionados com a estrutura genética dos grupos, definem as tradições. Eles perpassam o tempo e revelam a essência, a estrutura física e mental, ou a identidade dos grupos humanos. Os genes conservam a memória do que deu certo no passado e perpetuar-se-á, dando certo, no futuro.

No processo de realização de artefatos, os padrões motores dos indivíduos

imprimem marcas que se conservam e permitem o reconhecimento de atributos que definem a identidade do grupo. A presença recorrente de formas e de técnicas, bem como as relações constantes entre unidades de artefatos e as suas distribuições espaciais, sugerem, por isso, padrões gestuais e comportamentais dos autores com as quais estão relacionadas. O auxílio de outras ciências, para a reconstituição da paisagem e obtenção de cronologias, concorre para a redução da ambiguidade sobre a identidade dos grupos pré-históricos.

Assim é a essência do Cristianismo. Após a morte do mestre, os apóstolos sentiam sua grande falta. Eles recorriam, por isso, aos rituais, para fazer presente o ausente saudoso. Nos rituais da partilha do pão, reconheciam a sua essência, a sua identidade (*arké*), presente no meio deles. O ritual da partilha, por ser estrutural, conserva-se ainda hoje, depois de dois mil anos, apesar das frequentes mudanças no horizonte conceitual de Deus (Trento, Vaticano II, Medellin, Teologia da Libertação, protestantes, negros, índios, Spinoza, Akenaton, Moisés, materialismo histórico e ciência). É por isso que, quando meu mestre *Davus*perguntou-me, por telefone, se algo sobrara da formação do seminário eu lhe disse, de pronto: Sim a essência. Perguntou-me se a essência era a crença em Deus? Disse-lhe, também de pronto: Não, a experiência da partilha.

A ciência trabalha com fatos mensuráveis. O mito judaico cristão, como o de outras religiões, pela sua fluidez e efemeridade, não é mensurável. A partilha o é porque, para ser real e verdadeira tem que se democratizar no pão, no econômico. Se o econômico é determinante do ideológico, como defendia Marx, a partilha é científica. Quando ela acontece, eleva-se o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH. A felicidade é mensurável, na aferição do índice de alfabetização, da taxa de mortalidade infantil e na expectativa de vida. Assim, nos rituais de partilha, materializa-se e quantifica-se a identidade cristã. A identidade do mestre revela-se na decisão de João XXIII em realizar o Concílio Vaticano II e neste momento de confraternização. (Fig. 2). Para mim é mais que evidente que nessas partilhas revela-se a essência de Jesus Cristo, nosso mestre maior. Sou, por isso, um arqueólogo ateu e cristão.



Figura 2 – Encontro da turma de 1965, no dia 12 de outubro de 2012
Foto do acervo pessoal do autor

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, de camarote, assisti o desmoronamento da Teologia da Libertação, edificada com base nos ideais de Jesus Cristo, João XXIII, de Paulo VI e de João Paulo II. A Igreja de Roma retomou o horizonte conceitual do Deus de Trento, fechando as

portas para a ciência e para os movimentos sociais libertários. É por isso que, no momento atual, não defendo e nem fomento a criação de religiões, crenças e igrejas porque são de origem humana e promovem o assassinato da genuína mensagem de Jesus Cristo. Nego-me a converter pessoas e comunidades para religiões e igrejas onde se cultuam deuses absolutos porque suas crenças, indubitavelmente, promovem sentimentos etnocêntricos que sustentam impérios eclesiais e laicos onde se locupletam poucos e morrem muitos.

Sem religião e sem deus, na aridez das angústias científicas, ainda conservo a credencial de Jesus Cristo e de João XXIII. Sou um grito político egoísta, materialista e histórico. O que mais quero, nesta vida, única, temporal e efêmera, é que Ducilene, minha esposa, e nossas crias, Rodrigo, Celene, Bruno (filhos), Valdira (nora), Luiz Wagner e Renato Matias (netos) sejam felizes, com vida plena no tempo e no espaço. Sei que só há um caminho para a felicidade deles: o sonho utópico de Jesus Cristo, a partilha. Em mim, mais forte que nunca, continua ecoando o grito angustiado do mestre: *Heli, Heli, lama sabactani*, que se traduz como **Deus, ó Deus [de Roma e de Trento], por que me abandonaste?**

REFERÊNCIAS

KESTERING, Celito. *Registros rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho*(Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. 2001. 225 p.

_____. *Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. 2007. 298 p.

VIEIRA, Antônio. Sermão da Sexagésima. In: Sermões escolhidos. V. 2, São Paulo: Edameris, 1965. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso: 01 out. 2012.

---

[1] Celito Kestering, Licenciado em Filosofia, com habilitação em Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); especialista em Realidade Brasileira pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES); mestre em Pré-história e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2001 e 2007); Professor Adjunto na Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Fones: (74) 3613 6897; (74) 98873 7470;(89) 3582 2120; (89) 3582 3338. E-mail: celito.kestering@gmail.com

Solicitar Uso Limitado deste Conteúdo